

# A retomada do desenvolvimento

1 NOV 1985

O presidente José Sarney, em pronunciamento através de cadeia nacional de rádio e televisão ontem às 21 horas, destacou a retomada do desenvolvimento do País e a recuperação da economia brasileira.

Sarney falou ainda do clima de liberdade vivido hoje pelo País e de seus planos educacionais e culturais. O presidente ressaltou que apesar de ter assumido a Presidência de modo repentino e já ter até agora enfrentado «mais de quinhentas greves», seu governo está sendo vitorioso por contar com o apoio do povo. Abaixo a íntegra do pronunciamento de Sarney.

Aqui é minha mesa de trabalho. Sete meses de luta e de sacrifício. Não venho fazer um pronunciamento. Venho para uma breve conversa.

Venho para dar boas notícias. Demorei bastante em voltar a falar-lhes. Meu trabalho tem sido árduo.

Aprendi que se convence mais pelo exemplo do que pela palavra.

O destino me entregou a maior responsabilidade que já foi colocada nos ombros de um político brasileiro.

Tenho procurado cumprir com o meu dever. Vontade e sacrifício não faltaram.

E não faltarão. Mas nem tudo são flores. Temos muitos problemas.

O Governo tem muitas falhas, mas afirma com absoluta certeza que já caminhou muito.

Nesses meses vencemos o pior. O poder civil está consolidado. Respira-se liberdade em todos os cantos do Brasil.

Não posso ser mágico, e do dia para a noite consertar o que não se consertou ao longo da História.

Quando eu assumi, fui recebido com grandes reservas: não era nem o «candidato do protesto», nem o «Presidente da Esperança».

Mas o Brasil sabe hoje que eu sou o presidente da responsabilidade.

O meu jeito simples foi tomado como timidez e fraqueza. Minha prudência, como vacilação e ambiguidade.

Proclamaram o caos e o fracasso. Graças a Deus, nada disso ocorreu.

O Governo pode ser firme, sem ser arrogante. Pode comandar, sem empáfia nem ameaças.

A sociedade democrática é uma sociedade de convivência.

Eu não acredito na fórmula maquiavélica de que o poder deve amedrontar, para ser respeitado.

Sempre preferi, ao longo da minha vida, ser estimado a ser temido.

Tenho a consciência histórica de que sou o fiador do equilíbrio. Mas temos ainda grandes tarefas a cumprir.

O Brasil precisa de paz e de conciliação, o grande legado de Tancredo Neves.

O Governo tem sido austero, simples, despojado, sério, contra a corrupção, lutando para implantar métodos de decência e eficiência.

No meu discurso de julho tratei de cinco pontos, e falei em liberdade, em desenvolvimento, em opção

social, em identidade cultural, em soberania e independência.

Eles formam um todo articulado. E quero recordar o esforço que fizemos para implantá-los na ação conjunta do Governo. O clima de liberdade que o País vive não tem precedentes em nossa história.

Asseguramos direitos, liberamos procedimentos, enfrentamos movimentos reivindicatórios e, em nenhum momento, o Governo cometeu qualquer violência.

No quadro institucional, criaram-se mais de vinte partidos. Quem quis questionar e ter voz, teve essa oportunidade.

Atualmente, estamos mergulhados em uma campanha eleitoral para prefeito que se desenvolve em mais de duzentos municípios, incluindo neles todas as capitais, com um total de quase 20 milhões de eleitores, e os municípios de segurança nacional.

Achei que o Presidente não devia participar da campanha. E certo que, como político, meu desejo é a vitória dos candidatos apoiados pelos partidos da Aliança Democrática, mas como Chefe da Nação, jamais eu teria o direito de dividir o País, com o envolvimento de minha autoridade.

O País consolida suas instituições em liberdade. E liberdade é vida, perspectiva de vida feliz.

O País vive neste instante um momento de graça.

Todo cidadão sabe que tem direitos e que exerce os seus direitos. Por outro lado, essa liberdade não ficou no campo político. Ela se afirmou no campo da iniciativa privada e na afirmação dos direitos sociais.

Abolimos a censura, quebramos tabus em relação a correntes que viviam na clandestinidade. Tivemos a coragem de integrar (não só legalizar), mas integrar, ao convívio político, partidos, entidades e pessoas segregadas por preconceitos ideológicos.

Questiona-se, discute-se. Enfim, o debate das idéias. A controversia passou a ser uma forma sadia da vida nacional. Ninguém tem medo de pensar nem de falar.

Tratei da opção social, da prioridade pelos pobres, do combate à fome e à miséria.

Todos os recursos disponíveis do Governo estão concentrados nessa área. Programas sociais, devemos proclamar, são difíceis de executar. Demandam recursos humanos, e obrigatoriamente exigem tempo para chegar a todos os lugares onde devem chegar. Temos contra nós a vastidão do País e a lentidão da burocracia. Mas eles estão funcionando.

Estão funcionando os programas de suplementação alimentar para pessoas de baixa renda, de aleitamento, de alimentação popular, de ampliação da merenda escolar, da cesta básica, da educação para todos.

Vamos falar da cultura. O Governo tem presente seu caráter diverso, múltiplo e dinâmico. Intelectuais, artistas, cientistas, técnicos, estão trabalhando livremente.

Começa um renascimento cultural, fruto do momento de discussão e de reencontro que o País vive.

No setor básico do ensino, es-

tamos colocando novas técnicas a serviço da educação, programa este que será a verdadeira revolução educacional do Brasil, aquela que libertará o País da servidão da ignorância e que marcará a nossa História. Iremos conjugar até o fim do governo os recursos dos satélites e do vasto campo da informática para modernizar a educação no Brasil.

Irei remeter ao Congresso Nacional antes do fim do ano um projeto criando incentivos fiscais para a cultura. Essa lei se destina a ser um marco fundamental na história do País e libertará o nosso artista da tutela do Estado.

Vamos falar de política externa. Todos sabem que o Brasil não é hoje mais caudatário de nenhuma potência, nem prisioneiro de pequenos conflitos.

O Brasil ocupou o seu lugar. Passou a ser uma presença atuante no cenário internacional.

Na semana passada, eu ouvi do primeiro-ministro da China, e antes ouvira do presidente François Mitterrand, a repetição dos elogios sobre a posição e a presença do Brasil nas Nações Unidas.

O peso do Brasil aparece e se impõe.

Isso se reflete em nosso relacionamento com todo o mundo.

Desapareceram do dia para a noite as comissões de organismos internacionais que auditavam órgãos governamentais, a nos ditar modas e que passavam frequentemente pelo Brasil.

O nosso País retoma o comando do seu destino.

Esse é o testemunho da comunidade das nações.

Vamos falar do desenvolvimento. Tenho a afirmar: quando assumi, fui aconselhado a seguir a fórmula da recessão. Devíamos parar tudo. Apertar. Arrochar salários. Parar investimentos. Porque essa era a receita da ortodoxia, «o manual do estadista». Estadista aí, podemos dizer, entre aspas.

Recusei. Disse não. Enfrentei ameaças.

A inflação iria a mil por cento, não haveria crescimento nenhum, o País seria desestabilizado, os bancos internacionais cortariam os créditos, os bens brasileiros no exterior seriam penhorados.

Mesmo assim eu disse não a todas essas ameaças.

E tinha convicção. «O Brasil vai crescer», respondi.

E aconteceu. Temos que combater a inflação sem gerar desemprego, quebras, ou convulsão social.

Afirmei: «Temos de crescer!» E tracei a meta de 5 por cento ao ano.

Meus compatriotas, Estamos chegando ao fim do ano e trago-lhes boas notícias.

O nosso caminho estava certo. O crescimento econômico este ano ficará entre 6 e 7 por cento. Mais do que prevíamos. O País está com a sua economia reativada. Saimos do marasmo. A taxa de desemprego caiu 29 pontos no último mês. Estamos no menor índice de desemprego de todos os tempos. Foram criados mais de um milhão e meio de novos empregos.

Os juros baixaram de 22 para 15 por cento. Rolamos toda a nossa

dívida interna com esta taxa, o que significa uma grande economia para o Tesouro Nacional.

A indústria está crescendo cerca de 7 por cento, o comércio vende como nunca vendeu, cresce o mercado interno e nossas reservas internacionais já chegam a quase 9 bilhões de dólares.

A inflação, o grande monstro da inflação, está menor do que em 1984. A inflação está em baixa.

A iniciativa privada reanimou-se. Passou a ter confiança. Os investimentos voltaram.

Mas não devemos falar só dos indicadores da produção. Também dos indicadores sociais.

O salário real médio na indústria cresceu, só este ano, entre 13 e 14 por cento.

O nosso trabalhador teve mais dinheiro, está comprando mais. E em um ano recuperamos mais da metade das perdas acumuladas. O salário mínimo cresceu como não crescia há 24 anos. Observem que já não estamos falando nos últimos 20 anos. Já ultrapassamos o período de 64, para recuar a 1961, no reajuste das injustiças salariais impostas aos trabalhadores brasileiros.

Esses são dados incontestáveis. E tudo não aconteceu por acaso. E uma obra de engenharia política difícil, que tem custado muito trabalho. Tem custado esforço. E nós enfrentamos grandes problemas.

Vocês, brasileiros, que me ouvem, ponham-se um pouco no meu lugar. Avaliem um homem que, às quatro horas da manhã do dia 15 de março, é avisado que vai assumir a Presidência da República às 9 horas.

Assumi. E assumi com todos os problemas do Brasil acrescentados com a tragédia da morte de Tancredo Neves.

Hoje, já enfrentamos mais de quinhentas greves. Não me foi dada uma trégua sequer.

E ninguém veja neste registro qualquer ressentimento. Esse é meu dever. E eu vou cumprir o meu dever.

Tive de lutar para vencer a crise da reforma agrária. Fui censurado por uns e censurado por outros, mas tive a coragem de enfrentar esse problema grave, dentro do lema: «Paz na terra».

Tive que governar com forças heterogêneas, com equipes diversas, com uma administração desarticulada que herdei do passado. Para suprir tudo isso, apliquei toda a minha capacidade de trabalho, esforcei-me ao máximo, busquei minhas reservas de fé, de obstinação e de sonho.

Mas estou feliz, porque todos nós estamos vencendo. E saímos do pessimismo.

Tem algum segredo? Tem! E o apoio do povo. São os 85% de respaldo da opinião pública.

Esta é minha força. E a força que me dá coragem para prosseguir nessa luta. Os brasileiros sabem que eu preciso ser ajudado e que não decepcionarei os homens e mulheres de minha terra.

Posso dizer com sinceridade à nossa gente:

— Graças a Deus, o Brasil está nos trilhos. O País vai dar certo!

Muito obrigado.